

190

109

Terra resgata dignidade dos Pankararu

Longe dos conflitos agrários, tribo vive plenamente suas tradições e encontra espaço para cultuar velhos deuses

PATRÍCIA PEREIRA
 SUCURSAL LESTE

Avontade e o interesse em manter a cultura e as tradições da tribo tornam-se mais fortes quando a terra está garantida. Os índios Pankararu, originários do estado de Pernambuco, habitam uma área de 60 hectares da diocese de Araçuaí, no município de Coronel Murta, no Vale do Jequitinhonha, e há três anos dão o exemplo da grande diferença de se viver numa área sem conflitos.

“Os Pankararu representam hoje, uma grande força no movimento indígena da região. Eles tem um projeto de vida, de manter cultura e tradições”, observa a pedagoga Geralda Chaves Soares, há 17 anos envolvida com a causa indígena e autora de um livro sobre a história dos índios Krenak.

Os Pankararu são oriundos do Pernambuco, onde hoje ainda vivem cerca de 6 mil deles, segundo Benvinda Vieira da Silva, 62, a “Xicacrê” na língua da tribo. Expulsa pela construção das hidrelétricas de Itaparica e Paulo Afonso, uma parte da tribo deixou a região em direção ao sudeste. Mais de mil se refugiaram

em favelas paulistas. Os que vivem hoje no Vale do Jequitinhonha permaneceram por alguns anos na Fazenda Guarany, em Carmésia.

“Eles estavam misturados com outras tribos, mas tinham um desejo enorme de serem Pankararu”, recorda Geralda, que intermediou os contatos com a diocese de Araçuaí, para doar parte da Fazenda Alagadiço aos remanescentes da tribo que estavam em Minas. Com a miscigenação com os índios Pataxó, a aldeia Apucaré abriga atualmente 21 Pankararu e dois Pataxó nas cinco moradias.

Ainda se estruturando na área, os Pankararu resgatam festas, brincadeiras e rituais. Hoje uma grande festa acontece na aldeia em comemoração ao Dia do Índio. Característica dos homens da tribo, o “praiá” é das danças típicas, com vestimentas que escondem o rosto.

Já o “toré” é a dança das índias. “Vamos voltar a fazer o Canção, uma das nossas melhores brincadeiras”, conta Benvinda, a Pankararu mais velha, que junto com o companheiro Eugênio Cardoso da Silva, 77, procura ensinar aos mais jovens que são maioria na aldeia.



ENQUANTO ESPERAM pela demarcação os índios Pankararu voltam a festejar o “praiá”, com o rosto e o corpo cobertos

LEONARDO MORAI